

ENSINO MÉDIO

PROJETOS DE INVESTIGAÇÃO

2021



EMENTAS

'BORRAR' AS FRONTEIRAS ENTRE DOIS MUNDOS: CIÊNCIA E CRIATIVIDADE

PROFS. PRISCILA NANNINI & DANILO PEREIRA

FUTEBOL: PARA ALÉM DAS 4 LINHAS...

PROFS. TIAGO FUOCO & LEANDRO ROSA

DISTOPIA: UM OLHAR ANALÍTICO SOBRE AS AMEAÇAS ÀS NOSSAS LIBERDADES

PROFS. RUI LEON & GUILLERMO ORDAZ

A FÍSICA É FILOSOFIA? EXERCÍCIOS DE RECRIAÇÃO DO ESPAÇO-TEMPO

PROFS. BRUNA ALVES & DANIEL SOUZA

O LIMIAR DO TRANS-HUMANO NA MODERNIDADE DE ONTEM E HOJE

PROFS. ALESSANDRO ALVES & CARLOS MARTIN

ENSAIOS PARA UM CINEMA DOCUMENTÁRIO

PROFS. WAGNER DIAS & RIVA DO NASCIMENTO

LITERATURA NO DIVÃ: O LUGAR DA REALIDADE NARRATIVA NA CONSTITUIÇÃO DA TEORIA PSICANALÍTICA PROF. TATO SANCHEZ

MITO & LOGOS: ESPECULAÇÕES FILOSÓFICAS SOBRE A MITOLOGIA GREGA

PROF. LUÍS FERNANDO WEFFORT



Ementa:

O Colégio São Domingos aborda e discute ciências naturais além do racional e do uso de modelos. A ciência possui um componente criativo envolvido, sendo complexa e plural.

Um dos papéis da Arte é deslocar o olhar do espectador para assuntos por vezes simples, ordinários, mas que nem sempre são pensados como objetos de interesse artístico. O artista ao fazer sua leitura de mundo traz à luz temas comuns, porém importantes, que devem ser questionados, possibilitando reflexões a partir deles. A Arte Contemporânea pensa por este viés: da crítica, do incômodo, do problema; nem sempre respondendo às questões, mas ao contrário, levantando perguntas a partir de suas representações.

O olhar estereotipado que divide estudantes entre "de exatas" e "de humanas" pode não existir quando as fronteiras entre essas "duas culturas" são verdadeiras zonas de trocas e conexões contínuas.

O projeto 'Borrar as fronteiras entre dois mundos' propõe acentuar a aproximação entre as ciências naturais e humanidades, já existente no CSD, a partir de encontros e atividades que incentivam a criatividade ao mesmo tempo que colaboram para a aprendizagem de diversos conceitos da disciplina de química.

Objetivos:

- Diminuir o distanciamento entre as ciências naturais e as humanidades
- Desenvolver a criatividade, percepção visual e diferentes técnicas artísticas
- Realizar uma pesquisa visual e prática dentro de cada temática
- Investigar e perceber a relação entre a química e as artes
- Criar projetos químico-artísticos individuais e coletivos
- Montar exposições com as produções geradas durante essa investigação

Desenvolvimento:

- Teórico
- Analítico
- Experimental

Metodologia:

- Estudo de seleção de obras e artistas (técnicas, objetivos, conceitos)
- Aprendizagem de diferentes técnicas artísticas
- Investigação e apropriação dos processos químicos envolvidos
- Produção visual individual e coletiva



Avaliação

A avaliação acontecerá ao longo do processo:

Participação nas discussões de sala de aula ou online

Registros poéticos e processos práticos

Pesquisa gráfica e visual

Produção textual crítica a partir de sua pesquisa poética e científica

Produção visual (produto) de cada participante

Temática para investigação:

Cores que curam - Pigmentos, Tintas e Medicamentos

Perfume & Música

Patrimônio Cultural & Arqueologia

A magia dos Espelhos

Deterioração & Envelhecimento

Química Orgânica & Arte

Fotografia

Referências bibliográficas:

ALBERS, Josef. *A interação da cor.* São Paulo: Martins Fontes, 2016.

ARCHER, Michael. *Arte contemporânea.* São Paulo: Martins Fontes, 2013.

ARNHEIM, Rudolf. *Arte & Percepção Visual: uma psicologia da visão criadora.* 5 ed. Trad. Ivone Terezinha de Faria. SP: Pioneira, 1989

BERGER, John. *Modos de ver.* Trad. Lúcia Olinto. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

CALABRESE, Omar. *A Linguagem da Arte.* Trad. Tânia Pellegrini. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

CAUQUELIN, Anne. *Arte contemporânea, uma introdução.* São Paulo: Martins Fontes, 2005.

COLI, Jorge. *O que é arte.* 15 ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

COSTA, Cristina. *Questões da arte; o belo, a percepção estética e o fazer artístico.* São Paulo: Moderna, 2004.

DE MOURA, Cristiano Barbosa. *Química & Arte: Explorando Caminhos Criativos em um Projeto com Estudantes de Ensino Médio.* *Revista debates em ensino de química – ISSN: 2447-6099.*

FARIAS, Agnaldo. *A utopia enferrujada* (José Bechara). Disponível em:
<http://josebechara.com/a-utopia-enferrujada/>

GAGE, John. *A cor na arte.* Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 2012.



Referências bibliográficas (cont):

- GOITIA, Fernando Chueca. (Org.).** *História Geral da Arte: Pintura VI.* Espanha: Ed. Del Prado, 1995.
- GOMBRICH, E. H.** *A história da arte.* Rio de Janeiro: Guanabara, 1972.
- HADZIGEORGIU, Y; FOKIALIS, P; KABOUROPOULOU, M.** *Thinking about creativity in science education. Creative Education*, v. 3, n. 5, p. 603-611, 2012.
- JANSON, H. W. & JANSON, Anthony.** *Iniciação à história da arte.* São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- LUIS, Carlos M.** *A Geometria Oxidada de José Bechara.* Disponível em: <http://josebechara.com/a-geometria-oxidada-de-jose-bechara/>
- MARTINS, Mirian Celeste.** "O sensível olhar-pensante: premissas para a construção de uma pedagogia do olhar". In: Revista ARTEunesp, São Paulo, nº 9, 1993, p.199-217.
- MCCOMAS, W. F.** *Seeking historical examples to illustrate key aspects of the nature of science. Science & Education*, v. 17, n. 2-3, p. 249-263, 2008.
- MIYOSHI, Alexander Gaiotto.** *Diante do espelho: textos de Michel Foucault sobre arte representacional frente a produções artísticas dos anos 1960.*
- MOL, Elias Perigolo.** *Amilcar de Castro: confronto com a matéria.* Dissertação de Mestrado / Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual. Campinas, 2012.
- NOVAES, Adauto (org.).** *O olhar.* São Paulo: Companhia das Letras, 1988.
- PROENÇA, Graça.** *História da arte.* São Paulo: Ática, 2012.
- RAMALDES, Maria Aparecida.** *A poética de Hilal Sami Hilal: páginas, livros, gestos caligráficos e escrituras.* Dissertação de Mestrado / Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2015.
- SANTAELLA, Lúcia; NÖTH, Winfried.** *Imagem: cognição, semiótica, mídia.* 5 ed. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- SANTOS, Carlos Alberto Ávila.** *Espelhos e reflexos: uso e representações em obras artísticas.*
- SNOW, C. P.** *Duas Culturas: e Uma Segunda Leitura.* São Paulo: EdUSP, 1995.
- USBERCO & SALVADOR.** *Química.* São Paulo: Saraiva, 2019.
- ZANETIC, J.** *Física e Arte: uma ponte entre duas culturas. Pro-posições*, v. 17, n. 1, p. 39-57, 2006.



Ementa:

“O que fazem vinte e dois marmanjos de calças curtas correndo atrás de uma bola?: a pergunta clássica é, de fato, uma amostra do quanto o jogo pode ser visto como uma atividade perfeitamente estúpida por quem o olha completamente de fora, como uma dança compulsiva e sem música.”

José Miguel Wisnik - Veneno remédio: o futebol e o Brasil

“E no oitavo dia Deus fez o Milagre Brasileiro:
um país todo de jogadores e técnicos de futebol.”

Millôr Fernandes

“As culturas de síncope, por sua vez, dialogam com o drible, já que são capazes de garrinchar tempo e espaço. E aí penso mesmo no futebol... Em vez do chuveirinho, ou da troca de passes curtos ou longos, o futebol brasileiro se caracterizou pela estratégia do drible, aquela que foi corporificada em sua potência mais ampla por Mané Garrincha. O drible consiste na tentativa de burlar o inimigo pelo deslocamento do corpo/bola para o espaço vazio, aquele onde o oponente não está e não pode chegar...Ao subverter a norma da marcação (como faz a síncope) e propor o ritmo quebrado, necessariamente inusitado, capaz de deslocar o jogo para a brecha, Garrincha abre o campo, amplia o horizonte de possibilidades que, em suma, podem levar ao gol.”

Luiz Antonio Simas - Drible e flecha de fulni-ô

“Projeto de investigação: “o futebol”; como assim? Como pode o futebol aparecer como campo de pesquisa?

Ao propor o “futebol”; essa prática esportiva e também manifestação social, política e cultural; como objeto de estudo e análise, buscamos colocar em questão tudo que cerca esse fenômeno, situando dentro de um enfoque mais amplo e vasto, capaz de abarcar inúmeros aspectos investigativos que podem favorecer não apenas a sua compreensão enquanto uma atividade física praticada por um conjunto de atletas em contextos específicos, mas enxergá-lo como instrumento de produção de histórias, geografias, antropologias, sociologias, filosofias... ou seja, o futebol como construção de saberes e leituras de mundo.

Tendo, portanto, esse intento amplo e vasto, o Projeto de Investigação está estruturado em distintos campos de estudo que irão nortear nosso percurso, a partir do qual alunos e alunas poderão mergulhar e traçar seus interesses específicos dentro dos eixos de investigação definidos.



Objetivos

- compreender o futebol como manifestação ampla da prática esportiva e social
- (re)significar a dimensão da prática esportiva enquanto campo de investigação e produção de conhecimento(s)

Eixos de investigação

O projeto de investigação terá como eixo central a temática do Futebol como fenômeno histórico/social e prática esportiva e corporal. A partir deste ponto, iremos percorrer os seguintes trajetos:

1. Futebol e Esporte: performance esportiva e o corpo
2. Profissionalização e modernização: o futebol nos campos da gestão econômica e esportiva
3. Para além dos gramados e a construção do futebol como objeto político
4. O espaço, o tempo e as formas de vida: o futebol e suas formas de organização da vida

Metodologia

- Leituras e debates coletivos;
- Grupos de trabalho e pesquisa;

Referências bibliográficas básicas:

FERREIRA, Arthur Arruda Leal; MARTINS, André; SEGAL, Robert. Uma bola no pé e uma ideia na cabeça: o que o futebol nos faz pensar. Rio de Janeiro: UFRJ Editora, 2014.

FRANCO JUNIOR, Hilário. A dança dos deuses: futebol, sociedade e cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FOER, Franklin. Como o futebol explica o mundo: um olhar inesperado sobre a globalização. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

WILSON, Jonathan. A Pirâmide Invertida: a história da tática no futebol. Campinas: Grande Área, 2016.

WISNIK, José Miguel. Veneno remédio: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.



“Toda sombra é, em última análise, filha da luz”.
Stefan Zweig

Ementa:

Partindo da premissa da autora e teórica de ficção científica Ursula K. Leguin, segundo a qual “a ficção científica não prevê, descreve” e levando em conta o fato de serem as distopias um tipo particular de ficção científica que ganhou, nos últimos 10 anos, certa proeminência com séries de televisão, romances, filmes, jogos de tabuleiro, jogos eletrônicos e mangás de conteúdo distópico parecem nos sinalizar que estamos em uma era dourada desses tipos de narrativa na qual uma sociedade toma rumos bastante sombrios. Esse interesse, longe de evidenciar uma perspectiva pessimista dos que buscam consumir esse tipo de ficção, pode, sim, significar a busca por respostas e reflexões, na qual as distopias fornecem elementos fundamentais para pensar a contemporaneidade. Com esse propósito, este projeto possui como pergunta orientadora: “de que maneira as distopias, tanto as clássicas quanto as mais recentes, permitem-nos pensar os riscos que pairam sobre nós na sociedade contemporânea e em rede na medida em que esses tipos de romances, filmes, livros, séries, Games e HQs podem ser um sinal de incêndio, ainda que metafórico.”

Objetivos

- Despertar o pensamento perceptivo e analítico sobre as tendências que perfilam o presente da sociedade no século XXI;
- contribuir e estimular o interesse pela leitura como janela para a descoberta de si mesmo, do outro e da sociedade;
- relacionar os diferentes temas distópicos abordados com traços observados na realidade atual nacional e/ou internacional;
- integrar de forma sistêmica conhecimentos de diferentes áreas do saber presentes no fenômeno a ser analisado.



Programa de investigação

- De onde vem o conceito de utopia;
- As diversas modalidades de distopia;
- contextualizar as distopias selecionadas;
- tecnologia e a relação com a sociedade;
- A Guerra Fria e os Romances Distópicos
- A Era Nuclear, uma distopia real
- Mídia, propaganda e manipulação;
- Lições do século XX contra a tirania.
- O crescimento e o recrudescimento da extrema-direita no mundo e sua relação com as fake-news.

Metodologia

- Leitura e sistematização de textos relacionados à temática;
- encontros dialógicos;
- será pedida leitura de uma obra distópica, com escolha livre;
- trocas coletivas de impressões sobre as obras escolhidas;
- experimentações e construções estéticas relacionado ao tema da distopia;
- jogo de tabuleiro: Euphoria construindo uma mulher distópica. Como uma possibilidade de experimentação da distopia.
- Jogos de Vídeo Game como Last Of Us II, Cyber-Punk entre outros como formas de distopias interativas.
- Leitura de quadrinhos como uma das linguagens que explora as distopias

Avaliação

A avaliação acontecerá de maneira processual, com:

- realização de pesquisas para o subsídio do projeto investigativo;
- participação em rodas de diálogo temáticas no decorrer do projeto;
- construção de produto coletivo ou individual com o tema do projeto de investigação.



Bibliografia:

BENJAMIN, Walter. Crítica da violência – crítica do poder in Documentos de cultura documentos de barbárie: escritos escolhidos. São Paulo: Cultrix, 1995

CARVALHO, Alfredo Leme Coelho e Carvalho. A ficção distópica de Huxley e Orwell. São José do Rio Preto: Unesp, 2011.

BUTLER, CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

Judith. Mecanismos psíquicos del poder. Madrid: Ediciones Cátedra, 2011.

CHAUÍ, Marilena. Breve consideração sobre a utopia e a distopia. In: Filosofia e Cultura: Festschrift em homenagem a Scarlett Marton. São Paulo: Barcarolla, 2012.

HARTOG, François. Regimes de historicidade: presentismo e experiências do tempo. Tradução Andréa Souza de Menezes, Bruna Beffart, Camila Rocha de Moraes, Maria Cristina de Alencar Silva, Maria Helena Martins. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

LIPOVETSKY, Gilles. A cultura-mundo: resposta a uma sociedade desorientada. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

LÖWY, Michael. Aviso de incêndio: uma leitura das teses "Sobre o conceito de História". São Paulo: Boitempo, 2005.

KOSELLECK, Reinhart. Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Tradução Wilma Patrícia Maas, Carlos Almeida Pereira. Rio de Janeiro: Contraponto: Editora PUC-Rio, 2006.

MARCUSE, Herbert. A ideologia da sociedade industrial. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1967.

MATOS, Olgária. As cegueiras da razão. In: Vestígios: escritos de filosofia e crítica social. São Paulo: Palas Athena, 1998.

MATTÉI, Jean-François. A barbárie interior: ensaio sobre o i-mundo moderno. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

MORE, Sir Thomas. Utopia. São Paulo: Editora WWF Martins Fontes, 2009.

MINOIS, Georges. História do futuro: dos profetas à prospectiva. Tradução Mariana Ecchalar. São Paulo: Editora Unesp, 2016.

ZIKEK, Slavoj. Bem vindo ao deserto do Real! São Paulo: Boitempo, 2003.

_____. Vivendo no fim dos tempos. São Paulo: Boitempo, 2012



Algumas Sugestões de Romances Distópicos:

- ATTWOOD, Margaret. O conto da aia. Rio de Janeiro: Rocco, 2006. BOYE, Karin. Kalocaína, São Paulo, Carambaia, 2019.
- BURGESS, Anthony. Laranja mecânica. São Paulo: Aleph, 2004.
- BRADBURY, Ray. Fahrenheit 451. São Paulo: Globo, 2007.
- COLLINS, Suzanne. Jogos Vorazes. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2010.
- _____. Em chamas. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2011.
- _____. A esperança. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2011.
- DICK, Philip K. Homem do Castelo Alto, São Paulo, Aleph, 2009.
- _____. Sonhos Elétricos, São Paulo, Aleph, 2009.
- _____. Androides Sonham com Ovelhas Elétricas, São Paulo, Aleph, 2009.
- GIBSON, William. Neuromancer. Tradução Fábio Fernandes. 5ª edição. São Paulo: Aleph, 2016.
- MILLER JUNIOR, Walter Michael. Um Cântico para Leibowitz. 2ª Edição. São Paulo, Aleph, 2020.
- HERBERT, Frank, Duna, São Paulo, Editora Aleph, 2017.
- HUXLEY, Aldous. Admirável Mundo Novo. São Paulo: Globo, 2003.
- _____. O Macaco e a Essência. São Paulo: Globo, 2017.
- Moore, Allan, V de Vingança, São Paulo, Panini, 2012.
- ORWELL, George. 1984. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ROTH, Veronica. Divergente. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2012.
- _____. Insurgente. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2013.
- _____. Convergente. Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2014.
- ZAMIATIN, Evgueny. Nós. São Paulo: Aleph ou Editora 34, 2013.



Ementa:

Esse projeto está diante de um problema: a física é filosofia? Se compreendemos que a filosofia tem como marca a criação de conceitos (Deleuze & Guattari), vistos como ressonâncias e reverberações sempre em processo, quais conceitos sustentam as “leis” físicas? Quais mundos são inventados por meio dos discursos de uma “razão científica”? O desafio posto em nosso projeto de investigação é recriar, por meio das interações, diálogos e suspeitas, modos de produção de um determinado conhecimento científico que desloque a noção de espaço-tempo em seu caráter universal e em sua estrutura de geometria. Se, tanto na filosofia moderna quanto na física clássica, temos a criação de um mundo sustentando em três pilares ontoepistemológicos (Denise Ferreira da Silva), a saber: a *separabilidade*, a *determinabilidade* e a *sequencialidade*, como gerar possibilidades para a imaginação de outros modos de fazer ciência e também de criar filosofia? A nossa suspeita inicial está no exercício de se inventar conceitos-mundos diagramáticos, rizomáticos e abertos, sem os delírios metafísicos de uma história totalizante e linear do universo e sem os desejos modernos de controle do mistério e do vazio.

Objetivos:

- Favorecer, por meio de uma investigação sobre as (re)criações do espaço-tempo, uma relação de diálogo e suspeita entre filosofia e física;
- Investigar as cosmologias e os distintos discursos sobre a origem do universo;
- Proporcionar a invenção de narrativas sobre os esquemas que sustentam a física clássica e moderna;
- Aprofundar as relações entre saber e provisoriedade, conhecimento e mistério;
- Criar modos de produção do conhecimento a partir de uma lógica diagramática/ rizomática.

Programa de investigação:

- Filosofia e física: diálogos, interações e suspeitas;
- Métodos científicos, poder e invenções de mundos;
- Ciências e nomadismos epistemológicos;
- Determinismo e caos;
- O infinito e as leis físicas;
- Mecânica quântica e a “natureza” da realidade;
- Os saberes, os vazios e o nada;
- Os dilemas do espaço-tempo;
- A persistência do mistério.



Metodologia:

Leitura e sistematização de textos relacionados à temática;
Encontros dialógicos;
Estudos de caso.

Avaliação:

A avaliação acontecerá de maneira processual:

- Realização de pesquisas para o subsídio do projeto investigativo;
- Participação em rodas de diálogo temáticas no decorrer do projeto;
- Exercícios para a reflexão a partir dos “estudos de caso”.

Referências bibliográficas:

BUNGE, Mario. *Física e filosofia*. São Paulo: Perspectiva, 2000.

CARUSO, Francisco. *Física Moderna: Origens Clássicas e Fundamentos Quânticos*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Mil platôs*. São Paulo: editora 34, v. 5, 1997.

_____. *O que é filosofia?* São Paulo: editora 34, 2016.

FERRIS, Timothy. *O despertar na Via Láctea: uma história da astronomia*; tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro

FEYERABEND, Paul. *Ciência, um monstro*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2016.

_____. *Contra o método*. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

GREENE, Brian. *O Universo Elegante: supercordas, dimensões ocultas e a busca da teoria definitiva*; tradução José Viegas Filho; São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GUATTARI, F. *Caosmose: um Novo Paradigma Estético*. São Paulo: Editora 34, 2012.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. Em: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019, p. 157-210.

_____. Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, v.5. Campinas: Ed. Unicamp, 7-41p., 1995.



Referências bibliográficas (cont.):

HEISENBERG, W. *A parte e o todo: encontros e conversas sobre física, filosofia, religião e política*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

_____. *Física e filosofia*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1987.

LATOURE, Bruno. *Jamais fomos modernos: Ensaio de antropologia simétrica*. São Paulo: editora 34, 2019.

_____. *Políticas da natureza: como associar as ciências à democracia*. São Paulo: Editora UNESP, 2018.

NOGUEIRA, Paulo. Religião e ficcionalidade: modos de as linguagens religiosas versarem sobre o mundo. In: NOGUEIRA, Paulo (org.). *Religião e linguagem: abordagens teóricas interdisciplinares*. São Paulo: Paulus, 2015, p. 115-142.

NOVELLO, Mário. *O universo inacabado: a nova face da ciência*. São Paulo: N-1 edições, 2018.

OLIVEIRA FILHO, Kepler de Souza. *Astronomia e Astrofísica*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2004

PIRES, Antonio S. T. *Evolução das ideias da física*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2008.

SOUZA, Ronaldo Eustáquio de. *Introdução à Cosmologia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

STENGERS, Isabelle. *No tempo das catástrofes*. São Paulo: Cosac & Naify, 2015.



Ementa:

O projeto de investigação “O limiar do trans humano na modernidade de ontem e hoje” propõe, a partir do núcleo organizador a palavra “trans humano”, fazer uma reflexão sobre o assunto tendo o apoio de referências do campo literário, cinematográfico, filosófico e científico. Trata-se de atualizar o alcance e os limites da relação do homem com o corpo humano, da relação do corpo com o avanço tecnológico, sem perder de vista a historicidade do processo.

Objetivos:

Diante do inexorável avanço tecnológico, temos que o mesmo não apenas está fornecendo produtos e serviços mais rápidos e eficientes. Para além disso, observamos que há uma interferência na forma como o ser humano lida com o próprio corpo e mente na busca de uma saúde eterna e jovial, com a possibilidade (hipotética) da troca do corpo biológico pelo cibernético e no limite, da mente não estar mais presa ao mundo físico, podendo migrar, interconectar e evoluir no mundo virtual, assumindo as mais diferentes formas e gêneros.

Portanto, o curso tem como objetivos:

- A invenção do mundo ou mundo como máquina: Camões e Drummond;
- O salto para o des(?)conhecido: Escola de Coimbra e agências aeroespaciais;
- Procurar entender o hibridismo homem tecnologia e como essa visão foi elaborada ao longo da história, de Leonardo Da Vinci até a criação do Google (Deep Learning e Singularidade);
- A tecnologia como ferramenta de construção de novos mitos;
- Entender os limites éticos, sociais e econômico na perspectiva trans humanista
- Os avessos da investigação na busca da perenidade;
- Metade homem, metade máquina, ou sempre máquina?

Metodologia:

- Leitura e discussão dos textos e filmes apresentados;
- Construção mútua de reflexões.



Avaliação:

A avaliação ocorrerá de maneira processual:

- Exercício colaborativo mediante os problemas levantados.
- Elaboração de trabalho (audiovisual, ensaístico ou experimental) com base em ideias e/ou questões suscitadas no curso.
- Participação em debates a partir de temas apresentados.

Bibliografia:

M.T.S. DÖRRENBURG, *Corpo estranho*, editora Empireo, São Paulo, 2016;

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Poesia 1930-62*. Edição crítica preparada por Júlio Castañon Guimarães. São Paulo: Cosac Naify, 2002.

CAMÕES, Luís de. *Os lusíadas*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 1990.

GUINSBURG, Jacó. (Org.). *O romantismo*. 2.ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1985.

SHELLEY, Mary. *Frankenstein ou o Prometeu moderno*. 3.ª reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

VALÉRY, Paul. "Introdução ao método de Leonardo da Vinci". In: *Variedades*. Tradução de Maisa Martins de Siqueira. São Paulo: Iluminuras, 1999.

Filmografia:

Blade Runner, o caçador de Androides, diretor: Ridley Scott, 1982;

Frankstein de Mary Shelley, diretor: Kenneth Branagh, 1994;

Matrix, diretoras: Lana e Lilly Wachowski, 1999.

Alita, Anjo de Combate, diretor: James Cameron, 2019;



Ementa:

Ao estudarmos as origens do que se convencionou chamar de Cinema Documentário, de imediato, perceberemos a recorrente e insolúvel questão ligada à possível classificação do gênero como um “registro documental” ou como “representação da realidade”. Por isso mesmo, houve por algum tempo a tentativa de apreensão do gênero pelas sinonímias: “cinema verdade”, “cinema direto”, “cinema do vivido”, “cinema de não-ficção”. Nesse sentido, muitos autores documentaristas preferem se desviar dessa questão assumindo que seus filmes são leituras (subjetivas) de temas escolhidos ou ainda narrativas ficcionais, evidentemente, com algum pano de fundo verdadeiro. Assim, mesmo o modelo clássico de documentário representado por Robert Flaherty (Nanook, o Esquimó) ou de John Grierson (Drifters) pode ser considerado como uma maneira “criativa de se tratar a realidade”.

Em nosso Projeto de Investigação “Ensaios para um Cinema Documentário” pretendemos minimamente nos cercar de autores como Win Wenders, Vladimir Herzog, Eduardo Coutinho, Jorge Furtado, João Moreira Salles, Carlos Nader, entre tantos outros autores que se utilizaram do recurso audiovisual para documentarem histórias ou situações vividas por pessoas, em diferentes tempos e espaços, sem, no entanto, deixarem de nos fornecer imenso material de reflexão sobre conceitos e percursos para a construção de ensaios cinematográficos. Ao mesmo tempo, no projeto, pretendemos tratar de alguns aspectos técnicos e formais como os papéis de direção, fotografia, argumento, montagem, etc., que se unem à reflexão sobre diferentes modos de se produzir documentários, às vezes, partindo de pilares como ideia, pesquisa e roteiro prévios e outras desviando deles.

Assim, no programa teremos:

Objetivos:

- Apreciação de filmes de diferentes autores;
- Noções de captação de imagem e de som;
- Noções de Fotografia: planos e ângulos (aberto, fechado, médio, geral, *plongée*, detalhe, etc.)
- Noções de edição/montagem;
- Trilha sonora original (conceito)
- Leitura de textos básicos sobre Cinema;
- Leitura de textos técnicos de Cinema;
- Experimentação: produção de documentários (curtas-metragens).



Avaliação

- Participação nas aulas;
- Produção audiovisual (curta documentário)
- Produção textual (relato de percurso de pesquisa e finalização)

Referências Bibliográficas:

BAZIN, André. O cinema. Ensaios. São Paulo: Brasiliense, 1991.

BERNARDET, Jean-Claude; FREIRE RAMOS, Alcides. Cinema e História do Brasil. São Paulo: Contexto, 1988.

DA-RIN, Silvio. Espelho partido: tradição e transformação do documentário. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2004.

NICHOLS, Bill. "A voz do documentário". Trad. Eliana Rocha Vieira. In: Film Quartely. Vol. 36, nº 3, p.1983.

OMAR, Arthur. O antidocumentário, provisoriamente. Cinemais, Rio de Janeiro, n. 8, 1997.

TEIXEIRA, Francisco Elinaldo. Eu é outro: documentário e narrativa indireta livre. In:

TEIXEIRA, Francisco Elinaldo (Org.). Documentário no Brasil: tradição e transformação. São Paulo: Summus, 2004.



Ementa:

“Embora eu até seja tua alucinação, contudo, como num pesadelo, digo coisas originais que até hoje não te ocorreram, de modo que já não repito, em absoluto, os teus pensamentos, e no entanto sou apenas o teu pesadelo e nada mais.”

(DOSTOIÉVSKI, Fiódor. “Os irmãos Karamázov”)

“Olha, é difícil te satisfazer. Comportas-te rudemente até mesmo com relação à minha psicologia. Logo tu, que na tua terra natal, no monte de Sião, consideraste a psicologia um estado intermediário gentil e neutro e os psicólogos, gente sobremodo veraz.”

(MANN, Thomas. Doutor Fausto)

Imagine a cena: numa sala econômica de utensílios e ornamentos, mas não de livros, Ivan Fiódorovitch Karamázov jaz deitado em decúbito dorsal por sobre um divã de couro, desgastado do tempo e do uso, à meia luz, para narrar seus demônios a um sujeito com ares de senhor bem posto, de calvície incipiente e barba meticulosamente aparada, em estado profundo de interesse e escuta. Logo ao lado, à sala de espera, sob o tic-tac de um relógio de parede, reservam-se para as sessões posteriores um jovem Werther, um assenhorado Serenus Zeitblom, e uma senhora [que passaria facilmente por senhorita] cuja disposição atende por Emma Bovary — todos em silêncio constrangido, porém travestido de contemplação, recato ou resignação.

... Disparate, à primeira vista? Ora, se você assentiu com a cabeça, um tanto perplexo, querido leitor/ querida leitora, devo lhe assegurar que, não fossem os anacronismos, este quadro não seria mais nem menos absurdo e intraduzível do que os casos destas personagens em suas respectivas e distintas realidades narrativas.

Aliás, se a literatura é também uma plataforma do mundo em que se narra, se sente e se vive experiências e afecções indizíveis e/ ou inomináveis até certo ponto, decorrentes tanto da incoerência das eras quanto das amplas e difusas transições no decurso movediço do presente, cabe às personagens, e suas tais realidades narrativas, uma parcela do êxito por encarnar/ materializar e tornar sintoma o mal-estar [do alemão, “Unbehagen” que, em tradução literal para o português, suscitaria algo como “sem acostamento”, “sem lugar”, “sem clareira”] que surge, existe e persiste reapse, num-determinado-tempo-por-tempo-indeterminado, desprovido de alocação consentânea no discurso clínico e social.

Não por menos Sigmund Freud foi um leitor voraz, estudioso apaixonado pelos clássicos; e vale considerar, tomando por base a abrangência de sua produção, que a literatura contribuiu, não apenas como matéria vertente de afecções, mas também como forma e sentido — tendo em conta que pode ser considerada estrutura estruturante de e estruturada por gêneros narrativos e, conseqüentemente, modos de expressão —, ao desenvolvimento da teoria e da clínica psicanalítica.



LITERATURA NO DIVÃ: O LUGAR DA REALIDADE NARRATIVA NA CONSTITUIÇÃO DA TEORIA PSICANALÍTICA

PROF. TATO SANCHEZ

Aliás, eis uma digressão de suma relevância e sugestividade: mesmo a palavra “divã”, tão cara à psicanálise, advém do persa [diwan], e, em sentido literário, significa “coletânea”, “ciclo”; haja vista que é usada nas tradições poéticas de língua árabe, persa e turca para reunir toda a poesia escrita por um determinado poeta. Daí para a peça-plataforma-estofado fundamental do mobiliário psicanalítico são quantas as versões e livres associações?

Sem resposta nem certezas, e com base nestas considerações preambulares, o projeto “Literatura no divã” pretende e propõe a você, querido leitor/ querida leitora: 01. ler ensaios psicanalíticos como literatura; 02. voltar-se à experiência latente em obras literárias como matéria à psicanálise; 03. investigar, por uma “via de mão dupla-trocada”, o lugar das realidades narrativas na constituição da teoria psicanalítica.

Objetivos:

- Incitar o interesse pela leitura, a percepção de mundo e a criticidade;
- Instigar modos de dizer, escrever e perceber a linguagem, por meio da gramática e do léxico psicanalítico;
- Enredar conhecimentos, advindos de diferentes áreas do saber, presentes no fenômeno a ser analisado.

Programa de investigação:

- i. Freud: o leitor incomum;
- ii. Freud & a invenção de um modo: voltar-se à literatura por sobre o pano de fundo do real; olhar para o real sem perder de vista a literatura como pano de fundo;
- iii. Crença na palavra, aposta no sujeito: considerações sobre *Es*, *Ich* und *Über-Ich* [isso, eu e supereu];
- iv. Boccaccio & o seu Decamerão: o amor pode também ser uma peste?;
- v. Três casos em Shakespeare: Hamlet, Otelo & Macbeth;
- vi. Quixotismo: Cervantes & a loucura;
- vii. Sade: o desejo de saber & o desejo de corromper;
- viii. Fragmentos de um discurso amoroso: por uma lexicografia & um léxico dos amantes;
- ix. *Sturm und Drang* [tempestade & ímpeto]: afinal, o que há por detrás do sofrimento do jovem Werther?;
- x. Os três B's livrescos de Flaubert: o bibliomaniaco, Bouvard & Bovary;
- xi. Dostoiévski: considerações sobre a humilhação;
- xii. A retórica do ressentido: narradores perigosos.



Metodologia

- Leitura & investigação de obras literárias;
- Aproximações entre literatura & psicanálise, por meio de textos & prosas teóricas;
- Complementações cinematográficas;
- Encontros dialógicos;
- Prosas com convidados;
- Produção de um podcast literário.

Avaliação

A avaliação acontecerá de maneira processual, com:

- Realização de pesquisas para o subsídio do projeto investigativo;
- Participação em rodas de diálogo temáticas no decorrer do projeto;
- Construção de produto coletivo ou individual com o tema do projeto de investigação.

Alguma Bibliografia

- BARTHES, Roland. Fragmentos de um discurso amoroso. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BIRMAN, Joel. Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação na atualidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2019.
- FREUD, Sigmund. Além do princípio de prazer. São Paulo: Autêntica, 2020.
- _____. Amor, sexualidade, feminilidade. São Paulo: Autêntica, 2018.
- _____. Arte, literatura e os artistas. São Paulo: Autêntica, 2015.
- _____. As pulsões e seus destinos. São Paulo: Autêntica, 2013.
- _____. Fundamentos da clínica psicanalítica. São Paulo: Autêntica, 2017.
- _____. O infamiliar. São Paulo: Autêntica, 2019.
- _____. O mal-estar na cultura e outros escritos de cultura, sociedade, religião. São Paulo: Autêntica, 2020.
- _____. Neurose, psicose e perversão. São Paulo: Autêntica, 2016.
- GAY, Peter. Freud: Uma vida para o nosso tempo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- KEHL, Maria Rita. Ressentimento. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011.
- _____. O tempo e o cão: a atualidade das depressões. São Paulo: Boitempo, 2009.
- LACAN, Jacques. O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.
- MANGUEL, Alberto. O leitor como metáfora: o viajante, a torre e a traça. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.
- NOVAES, Adauto [organizador]. Os sentidos da paixão. São Paulo: Companhia das Letras; [Rio de Janeiro]: Funarte, 1987.
- _____. O olhar. São Paulo: Companhia das Letras; [Rio de Janeiro]: Funarte, 1988.
- _____. O desejo. São Paulo: Companhia das Letras; [Rio de Janeiro]: Funarte, 1990.
- STEINER, George. Nenhuma paixão desperdiçada. Rio de Janeiro: Record, 2018.
- _____. A morte da tragédia. São Paulo: Perspectiva, 2016.



Ementa:

“Cego é o espírito do homem quando procura investigar o caminho da sabedoria sem o auxílio das Musas.”

PÍNDARO, Pítica VII b, 18.

A epígrafe não é uma mera veleidade poética, muito menos uma formalidade prescrita pelo ritual acadêmico, mas a síntese mesma de um pensamento que nos conduz ao objetivo deste nosso projeto de investigação: especulações filosóficas sobre a mitologia grega.

Bem sei que boa parte das perguntas que hoje circulam apressadas pelos labirintos da educação questiona a finalidade de se estudar (em contexto escolar) conteúdos que não se vinculam diretamente com os problemas reais e concretos de nosso tempo. Nesta perspectiva, numa época assolada por catástrofes de toda ordem, parece mesmo um enorme contrassenso dedicar nosso esforço intelectual (e tempo) na análise de narrativas de conteúdo mítico, escritas por poetas gregos do século V e VI a. C.

Por outro lado, boa parte dos obstáculos que encontramos, na tentativa de elaborar respostas satisfatórias para os desafios de nosso tempo, parece advir de um certo desajuste do olhar que dificulta o pensamento e ofusca o entendimento. A experiência nos mostra que quando passamos muito tempo procurando um objeto perdido, ao encontrá-lo, quase sempre descobrimos que ele estava à nossa vista, mas estivemos olhando para o lugar errado. O que nos impedia de achá-lo era um desvio de foco. Isto me faz lembrar um texto de Clarice Lispector, *Humildade e Técnica*, no qual ela diz: “humildade como técnica é o seguinte: só se aproximando com humildade da coisa é que ela não escapa totalmente”.

Eisa a razão da epígrafe desta ementa e a justificativa mesma deste projeto. Nosso retorno aos mitos (para além de toda a riqueza simbólica dessas narrativas) não é outra coisa senão um *exercício de leitura*, um *esforço de interpretação*, um *desejo de ver*. Com o cuidado de sempre buscar na *letra* do Mito, o *espírito* que o anima, para que o auxílio das Musas não nos escape, nem a cegueira (do espírito) nos alcance.

Objetivos:

- Incitar o interesse pela mitologia grega;
- Introduzir os alunos interessados no universo da poesia e da cultura grega antiga;
- Contemplar a estrutura do pensamento mítico-poético como linguagem simbólica, ou seja, como modos de interpretar, conceber e expressar a experiência do conhecimento;
- Exercitar a leitura e a interpretação simbólica de narrativas míticas;
- Produzir ensaios sobre narrativas míticas e sobre o pensamento mítico.



Programa de investigação:

- i. Caos e Ordem: a ideia grega do *Cosmos*
- ii. O Canto das Musas: palavra e criação
- iii. Prometeu e o roubo do Fogo Sagrado do Olimpo: a invenção do humano
- iv. O Ciclo Tebano: A casa de Édipo
 - Édipo Rei,
 - Sete contra Tebas
 - Antígona
- v. O Ciclo Troiano: A Guerra de Tróia
 - Casamento de Tétis
 - O pomo da discórdia e a querela das Deusas
 - A escolha de Páris
 - O rapto de Helena
 - Aquiles e Agamemnon
 - Aquiles & Odisseu: heróis e heroísmos distintos
 - Ítaca e a arte da tecelagem
 - Orestéia: o destino do Rei
- vi. O Ciclo Ático: Teseu e o Minotauro
- vi. Mitos tardios: Éros e Psiquê

Metodologia

- Leitura e análise de textos;
- Rodas de conversas: compartilhamento de impressões e percepções das leituras realizadas;
- Produção de textos;
- Aproximações com outras formas de expressão poética (cinema, dança, música...)

Avaliação

A avaliação acontecerá de maneira processual:

- realização de pesquisas para o subsídio do projeto investigativo;
- participação em rodas de diálogo temáticas no decorrer do projeto;
- produção coletiva ou individual sobre o objeto investigação do Projeto.



Bibliografia

- ARISTÓTELES. Poética. Tr. Eudoro de Souza. São Paulo: Ars Poetica, 1992.
- BRANDÃO, JUNITO DE SOUZA Mitologia Grega – . Vol. I – 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
- _____. Mitologia Grega – . Vol. II – 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
- _____. Mitologia Grega – . Vol. III – 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.
- DETIENNE, M. A Invenção da Mitologia. Trad. de André Telles, Gilza Martins Saldanha da Gama. Brasília: UnB, 1992.
- DODDS, E. R. Os gregos e o irracional. Trad. de Paulo Domenech Oneto. São Paulo: Escuta, 2002.
- ELIADE, M. Mito e realidade. Trad. Pola Civelli. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- HOMERO. Ilíada: vol. I e II. Trad. Haroldo de Campos. São Paulo: Mandarin, 2002.
- _____. Odisséia. Trad. Manuel Odorico Mendes. São Paulo: Ars Poética / Edusp, 1992.
- JAEGER, W. Paideia, A formação do homem grego. Trad. Artur M. Parreira 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- KAUFMANN, W. Tragédia y Filosofía. Trad. Salvador Oliva, Barcelona: Seix Barral, 1978.
- KITTO, H. D. F. A tragédia grega. Trad. Dr. José Manuel Coutinho e Castro, Coimbra: Armênio Amado – Editor/ Sucessor, 1972.
- LESKY, Albin. A tragédia grega. Trad. J. Guinsburg, Geraldo Gerson de Souza e Alberto Guzik. 3ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1996.
- NIETZSCHE, F. O Nascimento da Tragédia. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- OTTO, W. F. Os Deuses da Grécia. Trad. Ordep Serra. São Paulo: Odysseus, 2005.
- PEREIRA, Maria H. R., Estudos de história da cultura clássica I: Cultura grega. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1970.
- ROMILLY, Jacqueline de. A Tragédia Grega. Tr. Ivo Martinazzo. Brasília: UnB, 1998.
- SNELL, B. A descoberta do Espírito. Trad. Artur Mourão. Lisboa: Edições 70, 1975.
- VERNANT, J-P. & VIDAL-NAQUET, P. Mito e Tragédia na Grécia Antiga. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- VERNANT, J. P. As origens do pensamento grego. Trad. Ísis B. B. da Fonseca. 4ª ed. São Paulo: DIFEL, 1984.
- _____. Entre Mito e Política. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2002.
- _____. Mito e Pensamento entre os Gregos: estudos de psicologia histórica. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- VIEIRA, Trajano. Édipo Rei de Sófocles. São Paulo: Perspectiva, 2001.